

indústria da confecção - ES

A506677

Economia



FOTOS: JUSSARA MARTINS/AT



SAMUEL espera guinada até agosto

HELENA, com seus funcionários: "A concorrência desleal dos orientais está fazendo desmoronar uma história de trabalho que construí nos últimos 20 anos"

Empresário vende casa e dois carros para pagar contas

O grande número de produtos asiáticos no mercado capixaba e no do restante do País compromete o trabalho de várias empresas no Estado. Prova disso é o proprietário da Impacto Designers, empresa de estamparia de Vila Velha, Samuel Martins.

Ele contou que, para tentar salvar as atividades do seu negócio, vendeu uma casa e dois carros de propriedade da família, que juntos somaram uma quantia de mais de R\$ 200 mil, para injetar os recursos na empresa e não precisar fechar as portas de uma hora para outra. "Mas, se até agosto as coisas não melhorarem, será meu limite", desabafou.

Samuel, que está no mercado de confecções há 35 anos, disse que o ano passado foi o pior de sua vida profissional. "Desde 2008 minha empresa atravessa dificuldades, mas 2011 foi o caos. Os produtos chineses vieram destruir tudo."

Ele explicou que, até agosto do ano passado, sua empresa tinha 40 funcionários, mas que hoje são apenas 15. "Não tivemos outra alternativa, senão demitir."

Samuel relata que, por mês, tem uma despesa fixa de R\$ 40 mil, com aluguel, contas de água e energia, tributos, além de salários.

INVASÃO ORIENTAL

"Concorrência com a China destruiu minha empresa"

Desabafo é da empresária Helena Altoé, proprietária de confecção em Vila Velha que se vê obrigada a demitir 80

Beatriz Seixas Dayane Freitas

Enxurrada de produtos chineses no Estado e no restante do País deixa empresários do vestuário apreensivos. Segundo eles, os baixos preços dos produtos asiáticos criam uma concorrência desleal que ameaça as empresas e os trabalhadores do Espírito Santo. A proprietária da Fashion Art — em Santa Inês, Vila Velha —, Helena Altoé, está desnorreada com a

situação. "A concorrência chinesa destruiu a minha empresa e está fazendo desmoronar uma história de trabalho que construí nos últimos 20 anos", lamenta.

Helena contou que diante do quadro ela planeja fechar a empresa e demitir 80 funcionários.

A empresária se queixa que as ações do governo federal para o setor não beneficiam as médias e pequenas empresas. "Precisamos que reduzam impostos e desonrem a folha de pagamentos, para diminuir impactos dos chineses sobre o setor." Helena conta que antes a empresa produzia 2 mil peças por dia e que hoje são 300.

A costureira Edivania Gomes, que trabalha no ramo há 20 anos, está preocupada: "Estou apreensiva e sem saber o que fazer. Não sei fazer outra coisa e preciso da renda para sustentar minha família."

O presidente da Câmara Setorial da Indústria do Vestuário da Federação das Indústrias do Espírito Santo (Findes), Paulo Vieira, explica que, para tentar oferecer preços competitivos, as fábricas do Estado reduziram seus lucros. Mas ele pondera que, com essa ação, as empresas acabam diminuindo o capital de giro e a lucratividade.

O governo do Estado informou, por nota, que já debate o assunto.

"Estamos construindo um entendimento que combine incentivos com o programa de competitividade sistêmica do Estado. O governo federal está lançando um programa para a indústria nacional, e então vamos trabalhar na inovação, em parceria com programas como o Inova-Findes, e outros, para promover o crescimento das empresas do Espírito Santo", comunicou.

SAIBA MAIS

IMPORTAÇÃO

EM 2011, as importações brasileiras de têxteis subiram 53% na comparação com o ano anterior, atingindo US\$ 1,973 bilhão (R\$ 3,590,86 bilhões). Países como China, Vietnã e Índia estão na lista de exportadores.

COM OS PRODUTOS chineses A produção do segmento caiu 14,9% no Brasil, segundo o IBGE.

NO ESPÍRITO SANTO, o faturamento da atividade têxtil caiu 40%.

PORTAS FECHADAS

EM 2011, 192 empresas fecharam as portas, segundo a Junta Comercial.

SOMENTE no Polo de Modas da Glória, 70 fábricas foram fechadas em dez anos, das 120 que existiam. Em 2011, foram 38.

Fonte: Findes

Há 5 anos ela luta contra ameaça

Não é de hoje que a empresária Helena Altoé briga contra a ameaça que os produtos asiáticos representam para a sua empresa e para o setor de confecções, de uma forma geral, no Estado.

Há cinco anos, Helena já se preocupava com a "invasão chinesa". No dia 20 de abril de 2007, A Tribuna publicou reportagem com a empresária falando sobre como a concorrência com os produtos "made in China" poderia prejudicar o setor. Na ocasião, Helena disse credi-

tar que as importações poderiam se tornar vilãs para o segmento:

"Em breve as importações começarão a surtir efeito dentro do mercado do Estado, e as pequenas confecções serão prejudicadas, muitas acabarão fechando as portas. Segundo informações do sindicato que responde pelas pequenas empresas de confecções, três já fecharam as portas", comentou, há cinco anos.

Helena, que atualmente produz bermudas masculinas para grandes marcas, disse que está sendo

ajudada por amigos. "Eles estão encomendando a produção de moletons e também de uniformes escolares. Vamos continuar na luta, pois alguma coisa de boa tem que acontecer", lamentou.

Segundo o presidente em exercício da Federação das Indústrias do Espírito Santo (Findes), Manoel Pimenta, entre os vários problemas que a indústria brasileira enfrenta em relação à chinesa estão os encargos trabalhistas, a burocracia, o alto custo do transporte e os elevados juros da economia.

Custo de produção	
Bermuda	Camisa polo
BRASIL R\$ 20	BRASIL R\$ 18
CHINA R\$ 10	CHINA R\$ 9

O preço lá é menor

- PORQUE O PESO dos salários na produção industrial chega a 110% no Brasil. Na China, em 2010, esse peso foi de 12%.
- DA CHINA é possível transportar 10 mil toneladas de granito para os Estados Unidos gastando o mesmo valor pago para transportar 1.000 toneladas do Brasil para lá.

Parceria com chineses
Dragão causa novo susto e derruba bolsas

Concorrência ameaça pequenos

A TRIBUNA mostrou alerta em 2007